

ZULMIRA RIBEIRO TAVARES

Vesuvio



Copyright © 2011 by Zulmira Ribeiro Tavares

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Edição

Heloisa Jahn

Revisão

Carmen S. da Costa
Arlete Zebber

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tavares, Zulmira Ribeiro

Vesuvio / Zulmira Ribeiro Tavares — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1825-0

1. Poesia brasileira I. Título.

11-01130

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

I

(instalações)

- * a mancha de cor, 11
- * vesuvio, 12
- * o paradoxo dos fantasmas, 14
- * abaixo da linha de pobreza, 16
- * ... de velhos cadernos escolares, 18
- * vida: objeto de desejo, 19
- * a leiteira, 20
- * café da manhã, 22
- * música, 23
- * desertificação, 25
- * pelo retângulo da porta, 26

II

(ultraleve)

- * modo, 29
- * instruções amorosas, 30
- * os homens da prefeitura, 31
- * a tarde, 32
- * mulherinha mulherando, 33
- * o pequeno hiato, 34

- * europeia, 36
- * agendas, 37
- * as mãos os olhos, 38

III

(figuras)

- * choro, 41
- * travesti, 42
- * surfista, 43
- * jiboia, 45
- * luta, 47
- * céu, 48
- * excursionistas, 50
- * menino noitedia, 52
- * o jogo da cabra-cega, 53

IV

(estações)

- * luto, 57
- * relojoaria velha, 58
- * após o inverno, 59
- * o filósofo na primavera, 60

V

(lírica canhota)

- * aliança, 63
- * passaroco, 64
- * o arquiteto e a bailarina, 66
- * nosferato da serra, 68
- * o amigo lento, 70

VI

(palcos/encenações)

- * aberto à visitação, 75
- * um otimista, 77
- * os silêncios do grande mestre, 78
- * o grito da maritaca, 80
- * um dia morto de medo, 82

VII

(glosa)

- * proposições com pássaros e folhas que o observador estende ao engenho humano com certa referência ao coração, 89

Nota do editor, 91

I
(INSTALAÇÕES)

A mancha de cor

Se com o passar dos anos vamos perdendo os pelos que nos faziam orgulhosos por sua fricção animal e sua vizinhança dos capinzais na boa estação,

E, ainda, se vamos perdendo a água que nos deixava luminosos como sinaleiras, como elas atentos e úteis — isso ainda não é sério.

Podemos avançar nas perdas.

Mas, quando os dias se excedem, espichamo-nos como as sombras do poente, somos ginastas rastejadores, as sombras são nossos pijamas de elástico e fumo, elas nos levam estirados na direção do sol desaparecido dentro de sua mancha de cor.

Nossas sombras são sombras estradeiras.

Somos estradeiros com as sombras e corremos para nada dentro da mancha de cor.

Vesuvio

Tua cabeça a prumo emplaca o tempo.
Dentro dela guardas o Vesuvio
que nunca chegaste a ter em pedra e lava,
mas em tela, plasma, figura.

Perto do Vesuvio, em esfuminho,
o perfil de teu amor esvaecido
há tantos anos.
E escutas chegar pelo esfuminho
como por um canal de cinzas
o professor Silvério cantarolando
nas aulas de desenho, o teu fracasso.

E tens no teu fracasso a mão direita
duplicada dentro da cabeça
suja de carvão e tinta a óleo.
A esquerda se apoia no joelho
e faz figa para o mundo: um sucesso.
Tua cabeça a acolhe com ternura
e com firmeza a ambas:
a submissa e a da recusa.

Um dia arrastarás, a tua cabeça,
para altas esferas,
como o saco de Noel (que delas desce)

a quem chamam pai,
papai para os pequenos —
pelo que distribui de vida adulta
adiantada em maquete e aos pedaços
com o impagável nome de brinquedos.

Cruzarás com ele e te farás de sonso.

Já tu agora de nada queres ser destituído.
Isso foi antes.
Sem acordo com Noel, não distribuirás,
e a usura será a tua força.
Sobre o teu pescoço, firmes
como o saco de Noel nos ombros,
terás dentro da cabeça
vivos, tudo:
do Vesuvio em tela à lava do teu corpo.